

LICÇÃO Nº 09 – A SUTILEZA DO MOVIMENTO DOS DESIGREJADOS

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 27/08/2022.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Texto Áureo:

Hb. 10.25

25 não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Hb. 10.19-25

19 Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrarmos no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus,

- TENDO... OUSADIA. Contrastando com o acesso limitado a Deus que os israelitas tinham, Cristo, ao dar sua vida por nós como sacrifício perfeito, abriu o caminho para a própria presença de Deus e para o trono da graça. Por isso, nós, como crentes, podemos constantemente com gratidão chegar-nos a Deus em oração.

20 pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne,

- O véu rasgado. É bom lembrar que o autor colocou o seu olhar no caminho para dentro do Santo dos Santos em 9.8, onde declara que “ainda o caminho do Santuário não estava descoberto”. Mas agora o caminho está aberto e revelado. Este caminho é novo no sentido de que foi feito novo recentemente. Novo (*prospaton*) literalmente significa “morto recentemente”; aqui há um caminho de entrada que nunca fica velho. Este caminho é vivo no sentido de que é eficaz.

- Dessa forma, ele nos consagrou. O ato de instituir (aoristo) é a ação que o autor tem discutido. Mas Cristo instituiu este caminho pelo véu, isto é, pela sua carne. Véu é *katapetasmatos*, “cortina”, de *Katapetannumi*, “expandir”. O véu, portanto, é um tipo de “cortina de ferro” que não só separa, mas “expande”, no sentido de ressaltar a distância entre Deus e o homem. O tipo original no Tabernáculo é mencionado em 9.3, enquanto o protótipo espiritual é mencionado em 6.19. Lá, a entrada “até o interior do véu” é descrita como “esperança proposta”, e Jesus entrou por nós como “nosso precursor”. A sena foi assim confirmada, mas o autor ainda não estava pronto para expor o caminho que transformaria esperança em fé e está em fato. Neste versículo-chave, no entanto, Jesus não é simplesmente o “precursor” através do véu, mas a sua carne (natureza humana) é o véu. Este é um

conceito radicalmente novo, e altamente figurado, cujo interpretação precisa da iluminação de Mateus 27.51: “E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo”.

- Uma interpretação entende o véu como um tipo de Jesus fundamentalmente. Isto explicaria o fato de que no Tabernáculo o véu era primorosamente belo, com símbolos costurados que representavam a humanidade e a divindade (Êx 26.31-33). Haldeman comenta: “Enquanto Cristo caminhava na terra em sua beleza e humanidade perfeita, Ele excluiu o homem de Deus”. Jesus, apenas como Exemplo perfeito traria condenação, não salvação, porque ressaltaria o abismo intransponível entre a pecaminosidade do homem e o requisito de pureza para se ter comunhão com o Deus santo, Se o véu deve tornar-se caminho, precisa ser sacrificado; precisa ser rasgado. A eficácia salvadora do corpo quebrado e do sangue derramado ocorreu na perfeição da natureza e vida totalmente humanas do nosso Senhor, um substituto apto e aceitável, o justo pelo injusto”. Mas como o Sangue fala mais da expiação, e é a base da nossa justificação (sua vida física como preço pela nossa vida espiritual), assim o corpo de Cristo (v. 5; Sua natureza humana) é mais particularmente associado ao caminho para dentro do Santo dos Santos. Não fala da sua vida dada por nós, mas da sua natureza humana tornando-se disponível para nós, para que a nossa se torne uma natureza transformada (Tt 2.14). Assim, não há só expiação, mas santificação; não só o caminho para dentro do primeiro santuário, com os direitos de perdão, mas o caminho par dentro do segundo, com os direitos de santidade interior – completa unidade com Deus.

- Uma interpretação alternativa (e talvez) do véu é vê-lo como um tipo da pecaminosidade do homem, que o desqualifica a ter acesso ao Santo dos Santos. Neste caso, Jesus foi esta natureza – este véu – pela identificação espiritual. Ele assumiu em seu próprio corpo a desonra desta natureza e a levou para a cruz (Rm 6.6; 8.30). Este corpo quebrado na cruz liberou poder para a salvação da pecaminosidade do homem: 1) “De alto” – os esforços do homem para mudar sua natureza são em vão; 2) “a baixo” – uma destruição completa da natureza pecaminosa é a provisão; o véu não foi rasgado pela metade (Rm 8.4). Independentemente da interpretação, se entendermos Cristo como o véu, ou se o véu representa a pecaminosidade do homem, ele nos leva ao mesmo lugar: o obstáculo é removido e temos completo acesso ao Santo dos Santos.

21 e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus,

- O Sacerdote real (10.21). O rasgar da carne de Jesus como oferta pelo pecado não era o fim, porque Ele ressuscitou e ascendeu à destra do Pai, onde vive “sempre para interceder” por nós (7.25). Temos um grande sacerdote sobre a casa de Deus. Este Sacerdote não só provê o “novo caminho”, mas está próximo para nos acompanhar para dentro e ficar conosco como nossa Garantia. O “caminho” é vivo” porque o Criador do caminho e Guia do caminho está vivo. O autor já apresentou em 4.14 – 7.28 o sacerdócio de Cristo e sua relação com a nossa redenção. As grandes verdades da fé cristã requerem ação. Ele se refere a elas como a base do privilégio e obrigação do adorador.

22 cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência, e o corpo lavado com água limpa,

- CHEGUEMO-NOS. São inseparáveis a fé e nossa aproximação a Deus mediante Jesus Cristo. (1) A fé é definida como chegar-se sinceramente a Deus, crendo na sua bondade (11.6). Ao chegar-nos

a Deus mediante Cristo, achamos misericórdia, graça, ajuda (4.16; 7.19; 10.1), salvação (7.25), santificação (10.14) e purificação (10.22). (2) Isso subentende claramente que, quando a pessoa não se aproxima de Deus em oração e em comunhão com Cristo, não tem fé salvífica (10.38). O próprio Jesus nivela a fé à oração contrita a Deus (Lc 18.7,8).

23 retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu.

- Ao sermos exortados para que retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, somos lembrados que uma identificação aberta e pública com o plano de Deus em Cristo nunca deve ser renunciada. O tempo presente a necessidade de continuar a expressarmos a nossa fé, sem nos tornamos apologeticos ou hesitantes. Não podemos esquecer que as pessoas precisam ser influenciadas pela nossa firmeza e constância. Além disso, a manutenção da nossa própria vitória está em jogo. Quando honramos a Deus ao afirmar a nossa confiança em sua integridade, Ele nos honra ao aprofundar a nossa segurança.

- A palavra costumeira na epístola para “fé” é *pistis*, mas a palavra usada aqui é *elpis*, que significa “esperança”. De acordo com Thayer, esta palavra era o equivalente na LXX da palavra hebraica “confiança”, e no NT chegou a ter o sentido cristão de “uma expectativa alegre e confiante na salvação eterna”. A fé necessária para entrar no Santo dos Santos (v. 22) pode ser entendida como fé de apropriação, enquanto *elpis* é a fé de expectativa ou esperança. A promessa, a do novo concerto, é cumprida à medida que a apropriação se torna realização se torna realização. Mas ainda havia muita coisa não realizada. A promessa da Segunda Vinda (9.28) ainda estava para se cumprir. Eles precisavam continuar confessando a confiança nessa promessa específica – porque fiel é o que prometeu.

24 E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras,

- O verdadeiro Santo dos Santos, desfrutando agora pela fé, envolve uma certa responsabilidade coletiva e social. Os sacerdotes antigos nunca entravam em grupos ou em dois, mas sempre sozinhos. É no isolamento solitária, com Deus do lado de dentro e o mundo do lado de fora, que somos completamente santificados. Somos santificados como indivíduos, e no Santo dos Santos aprendemos a encontrar o sustento para a nossa alma em Deus, não nas promessas. Todavia, essa dependência em Deus não pretende fomentar um distanciamento dos nossos irmãos. Há um individualismo moral importante, que fez parte da essência da verdadeira santidade; mas o tipo de individualismo que é desatencioso, e não pode trabalhar com outros, não é apenas uma caricatura, mas uma falsidade. Além da nossa inabalável confissão de fé, consideremo-nos (tempo presente – continuar considerando) uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras. Vamos nos conhecer mutuamente com o propósito de inspirar e estimular amor e boas obras. Quando provocamos tristeza, raiva e desânimo um no outro, como a negligência de boas obras, é porque não mostramos consideração suficiente. Fomos descuidados em vez de atenciosos. Não demos atenção devida às necessidades dos outros e à firmeza da nossa forma de agir. É impressionante observar a maneira em alguns cristãos inspiram seus irmãos para fazer o melhor e fazer sempre mais, enquanto outros mantêm as pessoas ao seu redor em um estado quase constante de irritação e obstinação. Na verdade, o cristão santificado deveria mostrar esta consideração agora, porque ele está num estado de graça, em que pode realmente esquecer-se de si mesmo e mostrar interesse e preocupação pelos outros.

25 não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia.

- QUANTO VEDES QUE SE VAI APROXIMANDO AQUELE DIA. O dia da volta de Cristo para buscar os seus fiéis está se aproximando (ver o estudo O ARREBATAMENTO DA IGREJA). Até chegar esse dia, enfrentaremos muitas provações espirituais e muitas falsificações na doutrina. Devemos congregar-nos regularmente para nos encorajarmos mutuamente e nos firmarmos em Cristo e na fé apostólica do novo concerto

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apolégica de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Os ataques contra a igreja de Cristo**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Os ataques contra a igreja de Cristo**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- Gonçalves, José. **Lições Bíblicas: Os ataques contra a igreja de Cristo – A sutileza do movimento dos desigrejados**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- Gonçalves, José. **Lições Bíblicas: Os ataques contra a igreja de Cristo – A sutileza do movimento dos desigrejados**. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- HORTON, Stanley. M. **Os problemas da Igreja e Suas Soluções**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A inspiração divina da Bíblia**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **Os ataques contra a igreja de Cristo**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Os ataques contra a igreja de Cristo**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.